



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

A CRIANÇA, A FAMÍLIA E A ESCOLA: UMA RELAÇÃO A CONSTRUIR.

**Relatório da Prática Profissional Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar**

**Ana Inês Castanheira Batista
Julho 2014**



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO DE LISBOA**

A CRIANÇA, A FAMÍLIA E A ESCOLA: UMA RELAÇÃO A CONSTRUIR.

**Relatório da Prática Profissional Supervisionada
Mestrado em Educação Pré-Escolar**

Sob orientação da Professora Doutora Dalila Lino

**Ana Inês Castanheira Batista
Julho 2014**

Agradecimentos

Gostaria de agradecer a todos os que me apoiaram e auxiliaram ao longo deste processo de formação profissional, bem como na elaboração do presente relatório final.

Agradecer a todos os professores que me acompanharam ao longo deste percurso e um agradecimento especial à Professora Doutora Dalila Lino, minha orientadora institucional, que me conferiu um apoio incondicional ao longo da minha formação profissional.

Às Instituições e respetivas Equipas Educativas que me acolheram e orientaram a minha formação na prática e, em especial à Educadora Cristina Seabra, minha Educadora Cooperante ao longo da prática educativa em JI, sendo o seu apoio, disponibilidade e conhecimentos uma ajuda essencial no meu processo de crescimento profissional e pessoal.

Um agradecimento especial a todas as crianças que me permitiram entrar no seu mundo, partilhando comigo momentos de brincadeira, sonhos e aprendizagem. E a todas as famílias que me auxiliaram, proporcionando a minha aprendizagem acerca da questão da participação das mesmas ao longo do processo educativo das crianças.

À Mariana Gonçalves, à Joana Miguel e à Patrícia Machado pelas palavras de apoio e incentivo e, por todas as ideias partilhadas.

Ao Gonçalo Silva pelo seu apoio, amizade e carinho nos momentos bons e nos mais difíceis, ao longo deste processo de formação.

Finalmente, mas não menos importantes, agradecer aos meus pais todo o apoio que me conferiram, pois sem eles nada disto seria possível.

Resumo

Tendo como título “*A criança, a família e a escola: uma relação a construir*”, o presente relatório tem como objetivo ilustrar, analisar e fundamentar de modo reflexivo o trabalho que realizei ao longo da prática profissional supervisionada, sendo esta desenvolvida em contexto de Creche e Jardim de Infância, decorrendo entre os meses de janeiro e maio.

É um relato objetivo e reflexivo do meu percurso profissional, centrado na participação das famílias ao longo do processo educativo das crianças, bem como no papel do educador na relação com as famílias. Aborda o início da relação entre as famílias e eu, enquanto estagiária e a importância do papel das mesmas para a construção e consolidação das aprendizagens das crianças realizadas em contexto de sala. Reflito ainda, acerca da necessidade de escutar as vozes das famílias e das crianças sobre a importância do trabalho desenvolvido com as famílias. A reflexão do percurso percorrido contribuiu para a melhoria da qualidade da minha prática pedagógica como, também da minha ação para com as famílias das crianças.

Palavras- chave: educação de infância; participação das famílias; papel do educador; aprendizagem da criança.

Abstract

The title “*The child, the family and the school: a relation to be built*”, of the disclosed report has as objective to illustrate, analyze and justify in a reflective fashion the work I have completed throughout a supervised professional practice, this being developed in the context of Day Care Center and Preschool, taking place between January and May.

It is an objective and reflective account of my professional career; it is centered on the participation of families throughout the educational process of children, as well as the role that an educator represents in relation to the families. This report addresses the emerging relationship between families and intern (myself) and the importance behind the role of a family for the construction and consolidation in the learning of children held in the context of a classroom. Also, I reflect on the need to listen to the

voices of the families and children regarding the importance of the work developed with the families. Reflecting on the taken trajectory contributes to improving the quality of my pedagogical practice, as well as my action towards the families of the children.

Keywords: Early childhood education; family participation; role of the educator; child's learning.

Índice Geral

Introdução	1
I - Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo.....	3
1.Caracterização para a ação – Creche e JI	3
1.1.Caracterização dos meios em que estão inseridas as Instituições	3
1.2 Caracterização dos Contextos Socioeducativos	3
Quadro 1 – Caracterização dos contextos socioeducativos	3
1.3.Equipa Educativa	4
1.4. Grupo de Crianças.....	5
Quadro 2 – Caracterização do grupo de crianças de Creche e de JI.....	5
1.5. Família das Crianças	7
1.6. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos; a (s) sala (s) de atividades e materiais bem como o (s) tempo (s) (rotina diária).....	9
II – Análise Reflexiva da Intervenção.....	10
2.1. Identificação e Fundamentação das intenções para a ação pedagógica.....	10
Intervenção Educativa em Creche.....	16
Intervenção Educativa em Jardim de Infância	18
2.2. Identificação da Problemática: Participação das Famílias no Processo Educativo das Crianças.....	22
Figura 1 – Trabalho com as famílias no contexto de Creche (silhueta do corpo humano)	29
Figura 2 – Trabalho com as famílias no contexto de JI (marcadores de livros).....	34
III - Considerações Finais	42
Referências Bibliográficas	47
Anexos.....	51

Índice de Figuras

Figura 1 – Trabalho com as famílias no contexto de Creche (silhueta do corpo humano)	29
Figura 2 – Trabalho com as famílias no contexto de JI (marcadores de livros).....	34

Índice Quadros

Quadro 1 – Caracterização dos contextos socioeducativos..... **Erro! Marcador não definido.**

Quadro 2 – Caracterização do grupo de crianças de Creche e de JI **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 3 - Referente estrutura familiar, idades e habilitações literárias dos pais, situação laboral no contexto de Creche, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 4 - Referente ao tipo de estrutura familiar no contexto de JI, retirado do Portefólio da PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 5 - Referente à idade das famílias das crianças no contexto de JI, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 6 - Referente às habilitações literárias das famílias das crianças no contexto de JI, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 9 - Referente aos espaços físicos do contexto de Creche e do contexto de JI, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Índice de Anexos (em cd)

Anexo 3 - Referente estrutura familiar, idades e habilitações literárias dos pais, situação laboral no contexto de Creche, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 4 - Referente ao tipo de estrutura familiar no contexto de JI, retirado do Portefólio da PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 5 - Referente à idade das famílias das crianças no contexto de JI, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 6 - Referente às habilitações literárias das famílias das crianças no contexto de JI, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 7- Planta da sala e rotinas da sala de Creche, retirado do Portefólio de PPS..... **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 8- Planta da sala e rotinas da sala de JI, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 9 - Referente aos espaços físicos do contexto de Creche e do contexto de JI, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 10 - Questionário aos pais no âmbito da problemática, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 11 – Carta solicitando a participação dos pais no desenvolvimento do Projeto. **Erro! Marcador não definido.**

Anexo 12 - Questionário aos pais acerca da sua participação no Projeto, retirado do Portefólio de PPS. **Erro! Marcador não definido.**

Introdução

Relato objetivo e reflexivo do percurso da minha prática profissional supervisionada em contexto de Creche e de Jardim de Infância (JI), o presente relatório permite ao leitor, no primeiro capítulo, uma visão geral da caracterização dos contextos educativos cooperantes que foi fundamental para a definição das intenções para a ação que se encontram no capítulo seguinte.

A prática pedagógica em contexto de Creche decorreu no mês de janeiro, numa sala com crianças com idades compreendidas entre os 12 e os 24 meses. Relativamente à prática pedagógica em contexto de JI, esta decorreu durante cerca de três meses, entre fevereiro e maio, com um grupo de crianças com idades compreendidas entre os 4 e os 5 anos.

Encontra-se ainda no primeiro capítulo, a caracterização dos grupos de crianças, bem como das suas famílias que possibilitaram estruturar uma ação pedagógica adequada. A equipa educativa, os espaços físicos e as rotinas das crianças são também apresentadas e foco de reflexão no primeiro capítulo.

A caracterização encontra-se estruturada por pontos, com o intuito de apresentar a informação de um modo mais organizado. Apesar de separados na escrita, na prática estes pontos relacionam-se entre si, não existindo uma ação estanque de cada um deles.

Num segundo capítulo, dedicado à análise reflexiva da intervenção, identifico e fundamento as minhas intenções para a ação pedagógica, baseando-me na observação dos contextos que frequentei, refletindo de modo construtivo acerca das mesmas.

Ainda no segundo capítulo é especificada a problemática que identifiquei durante os meses em que decorreu a minha prática profissional supervisionada, que tem como objetivo observar e refletir acerca da participação das famílias no processo educativo das crianças. É referido também todo o processo de observação, ação e reflexão acerca da questão, sendo a mesma mais centrada no trabalho desenvolvido no contexto de JI. A análise da problemática será ilustrada com exemplos da minha prática, no que se refere ao trabalho de equipa e organização do ambiente educativo.

O objetivo do meu trabalho com as famílias foi fomentar uma relação com as mesmas, promovendo a partilha de informações acerca do trabalho realizado com as crianças ao longo da minha prática, bem como partilhar informações relativas ao

desenvolvimento das crianças. Ao realizar um trabalho próximo com as famílias das crianças tive a oportunidade de propor atividades, tendo como objetivo a integração das famílias no trabalho realizado em contexto de sala.

Por fim, as considerações finais em que caracterizo o impacto da intervenção na minha formação profissional, contribuindo desse modo para o desenvolvimento profissional e pessoal.

De modo a elaborar o presente relatório cruzei diversas fontes de informação, tais como as conversas informais, os trabalhos realizados pelas crianças e os documentos estruturantes das instituições, tais como os Projetos Pedagógicos das salas e o Projeto Educativo da Instituição de JI.

Como técnicas de recolha de dados utilizei a observação direta; as conversas informais com as Educadoras Cooperantes, Coordenadoras das Instituições, crianças e suas famílias; a análise dos documentos estruturantes dos dois contextos, os registos fotográficos e, por fim as notas de campo.

No que diz respeito aos processos éticos e deontológicos que tive em consideração durante a minha intervenção pedagógica basearam-se no pedido de autorização às Educadoras Cooperante e aos Encarregados de Educação das crianças o consentimento para fotografar as crianças, os espaços de atividades, bem como os trabalhos realizados, explicando e explicitando sempre o fim a que se destinavam.

Ao longo do processo de redação do presente relatório, tentei sempre respeitar a confidencialidade dos dados, bem como o anonimato das crianças e respetivas famílias, assim sendo as Instituições nas quais foram realizadas as práticas educativas não são mencionadas e as crianças são referidas pelas iniciais e não através do seu nome, salvaguardando assim a sua identidade.

Tendo o intuito de partilhar os trabalhos realizados ao longo da minha intervenção, os mesmos foram expostos nas paredes da sala e nas paredes exteriores da sala, quer no contexto de Creche, quer no contexto de Jardim de Infância, no sentido em que as suas famílias e outros adultos do contexto possam ter conhecimento do trabalho desenvolvido.

I - Caracterização reflexiva do contexto socioeducativo

No presente capítulo é apresentada a caracterização dos contextos socioeducativos, as equipas educativas, os grupos de crianças, bem como as suas famílias. É apresentada ainda uma análise reflexiva acerca das intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos, as salas de atividades, os materiais e as rotinas diárias.

1. Caracterização para a ação – Creche e JI

1.1. Caracterização dos meios em que estão inseridas as Instituições

A prática educativa em contexto de Creche e a prática educativa em Jardim de Infância realizaram-se no concelho de Lisboa em diferentes Instituições, sendo ambas Instituições Particulares de Solidariedade Social.

As duas Instituições estão rodeadas de espaços de cultura e de lazer que podem ser usufruídos pela comunidade educativa, tais como jardins e bibliotecas.

No meio onde estão inseridas as Instituições existe algum comércio terciário, como por exemplo cafés, mercearias e restaurantes. A Creche onde realizei a prática supervisionada está localizada numa área habitacional e de hospitais. Já o Jardim de Infância está localizado numa área mais comercial, tendo ao seu redor outras instituições de educação pré-escolar, bem como Liceus e Universidades.

1.2 Caracterização dos Contextos Socioeducativos

Cada Instituição apresenta as suas especificidades, tanto ao nível da sua história, bem como na sua dimensão organizacional e jurídica. No Quadro 1 – Caracterização dos contextos socioeducativos, apresentado abaixo, é possível observar as especificidades de ambas as Instituições.

Quadro 1 – Caracterização dos contextos socioeducativos

	Creche	JJ
História	Fundação: 1958 Em 2008, a Instituição “mudou-se” para um edifício construído de raiz.	Fundação: 1840 A Instituição permaneceu sempre no mesmo local, tendo sido algumas vezes remodelada.

<p style="text-align: center;">Dimensão Organizacional</p>	<p>Direção assumida por uma Diretora.</p> <p>Valências: Creche e Creche Familiar (amas).</p>	<p>Direção assumida por uma Diretora.</p> <p>1 Chefe do Núcleo de Serviço Social.</p> <p>Valências: Creche e JI.</p>
<p style="text-align: center;">Dimensão Jurídica</p>	<p>IPSS tutelada pelo Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social.</p>	<p>IPSS tutelada pelo Ministério da Solidariedade, Emprego e Segurança Social e pelo Ministério da Educação e Ciência.</p>

Elaboração própria: Dados extraídos do Projeto Pedagógico da sala de Creche. (2013/2014) e do Projeto Educativo da Instituição de JI.

A caracterização dos contextos socioeducativos favoreceu a integração e adaptação aos contextos, conhecendo melhor as pessoas que os frequentam. De modo a adequar a minha ação às características e necessidades das crianças tive sempre de ter em atenção as características dos contextos.

Ao conhecermos os contextos onde estão inseridas as Instituições, compreendemos melhor as ações e interações das crianças, uma vez que as ações espelham o que as crianças vivem fora do contexto escolar.

1.3. Equipa Educativa

“O trabalho em equipa é um processo de aprendizagem pela acção, que implica um clima de apoio e de respeito mútuo” (Hohmann & Weikart, 2011, p.130), assim sendo todos os adultos que se relacionam com as crianças devem basear a sua ação num clima de apoio e respeito, promovendo a partilha de opiniões e informações.

A relação entre a Educadora e a Assistente Operacional, quer em Creche, quer em Jardim de Infância é baseada na partilha, revelando estar constantemente disponíveis para discutir ideias, opiniões e informações acerca das crianças. As equipas educativas têm uma relação de partilha e respeito, apoiando-se e partilhando as tarefas diárias, refletindo acerca das suas ações, procurando melhorar a sua intervenção, dando origem

a um clima de entreajuda e parceria, conversando diariamente sobre os trabalhos que são realizados e as dificuldades que detetaram ao realizar o trabalho.

O grupo de crianças quer da Creche, quer do Jardim de Infância contacta ainda com as restantes educadoras e assistentes operacionais, estando juntos no momento do acolhimento e de refeições, sendo esse contacto bastante positivo e enriquecedor para as crianças, uma vez que têm a possibilidade de contactar com os outros adultos e crianças que frequentam a Instituição.

Em ambos os contextos pude observar que as equipas educativas tinham o objetivo de proporcionar um ambiente estimulante, recorrendo a estratégias e a metodologias adequadas que promovessem o desenvolvimento das crianças.

As educadoras planeiam as atividades que irão propor, tendo o cuidado de as partilhar com os restantes elementos da equipa educativa, de modo a transmitirem as suas ideias e preocupações, para que juntas ultrapassem as suas dificuldades, de forma a oferecerem “um contexto (...) consistente com os seus objectivos e crenças na área da educação, e consonante na forma como os vários adultos o concretizam” (Hohmann & Weikart, 2011, p.129).

Os diálogos com a equipa educativa tornaram-se significativos para a minha prática, pois os adultos da sala estabeleceram comigo uma relação baseada na parceria e na entreajuda, contribuindo para o sucesso da minha intervenção em ambos os contextos.

1.4. Grupo de Crianças

A caracterização dos grupos de crianças, no que diz respeito às suas idades, género e percurso institucional permitiu adaptar as minhas intenções pedagógicas aos grupos de crianças. No Quadro 2 – Caracterização dos grupos de crianças, exposto abaixo, apresento uma caracterização geral do grupo de crianças de ambos os contextos, referente ao número de crianças do grupo, as suas idades, género e percurso institucional.

Quadro 2 – Caracterização do grupo de crianças de Creche e de JI

	Creche	JJ
Número de crianças	14	20

Idade	12 a 24 meses	4 a 5 anos
Género	6 Raparigas 8 Rapazes	11 Raparigas 9 Rapazes
Percurso Institucional	10 Crianças já frequentavam a Instituição. 4 Crianças entraram este ano letivo para a Instituição (3crianças vindas de casa e 1criança vinda da creche familiar).	19 Crianças já frequentavam a Instituição. 1 Criança veio de outra Casa de Infância pertencente à Instituição.

Elaboração própria: retirado do Projeto Pedagógico da sala de Creche e de JI (2013/2014).

O grupo de Creche é um grupo bastante ativo e sociável, retirando prazer nas interações entre crianças e entre criança-adulto, uma vez que “o seu envolvimento activo com adultos atentos e respondentes e com materiais interessantes e desafiantes proporciona-lhes uma base de experiência para interpretarem o mundo.” (Post & Hohmann, 2011, p.24). É um grupo recetivo e participativo nas atividades propostas, brincam em paralelo mas ainda não partilham os brinquedos.

Por vezes, demonstram dificuldades em partilhar os brinquedos da sala, resultando em pequenas disputas que as próprias crianças resolvem quase sem necessitar da intervenção do adulto. Nas interações com os pares e com os adultos, “(...) os educadores ajudam as crianças a estabelecer e a manter relações (...)” (Post & Hohmann, 2011, p.72) com os mesmos.

Durante a minha semana de observação deste contexto, o grupo de crianças encontrava-se na fase de aquisição da linguagem com vocabulário reduzido, sendo que a nível motor, 12 crianças já andavam sem auxílio do adulto e 2 não andavam sem auxílio. No início da minha intervenção de prática profissional supervisionada já todas as crianças andavam sem o auxílio do adulto.

O grupo demonstra curiosidade em explorar tudo ao seu redor quer espaços, quer objetos. A maioria das crianças ainda não controla os esfíncteres logo necessita de apoio na higiene, sendo que a maioria do grupo come e dorme sem auxílio do adulto.

O grupo de crianças de JI é ativo e sociável, interagindo frequentemente com os seus pares e com os adultos. No caso da interação com os adultos, é notória a relação que este grupo tem com a educadora, revelando bastante confiança na mesma. A educadora é o primeiro adulto que as crianças procuram quando entram na Instituição, com o intuito de contactarem com a mesma, de modo a partilharem informação.

É um grupo recetivo e participativo nas atividades propostas e partilha diversas brincadeiras. As crianças revelam interesse na atividade de desenhar, dedicando grande parte do seu tempo a esta atividade. É também bastante cooperativo entre si durante a realização das atividades, bem como durante a rotina, existindo pouca competição entre as crianças das diferentes idades.

Demonstram ainda, ímpeto exploratório com os espaços e objetos ao seu redor, revelando independência e autonomia na sua higiene e alimentação não necessitando do auxílio do adulto para essas tarefas diárias. Apenas uma criança necessita de usar fralda devido a problemas de saúde.

Apesar da diversidade existente numa sala quer de Creche, quer de JI que exige uma planificação mais abrangente por parte do/a educador/a, no que diz respeito ao nível dos conteúdos abordados, sabe-se que “(...) a interação entre crianças em momentos diferentes de desenvolvimento e com saberes diversos, é facilitadora do desenvolvimento e da aprendizagem.” (ME, 1997, p. 35).

1.5. Família das Crianças

É essencial conhecer o contexto e a história das famílias das crianças com quem trabalhamos, devendo valorizar a relação entre a escola e a família, já que “o impacto da vida familiar (...) afecta todos e cada um dos aspetos do desenvolvimento da criança” (Hohmann & Weikart, 2011, p. 100). Assim sendo, é necessário “incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efectiva colaboração com a comunidade.” (ME, 1997, p. 16).

No que diz respeito ao contexto de Creche, 12 crianças provêm de família nuclear, uma de família alargada e uma de família monoparental feminina.

Quanto às idades das mães estão compreendidas entre os 16 e os 42 anos e as idades dos pais estão compreendidas entre os 18 e os 47 anos.

No que concerne às habilitações literárias das mães, duas têm o 2º ciclo, uma o 3º ciclo, três o Ensino Secundário e oito Licenciatura.

Já as habilitações literárias dos pais correspondem a: 1 pai com o 1º ciclo, dois com o 3º ciclo, seis com o Ensino Secundário e cinco com a Licenciatura.

No que diz respeito à situação profissional dos pais das crianças do grupo não foi possível ter acesso às suas profissões, apenas tive acesso à situação laboral em que se encontram, sendo que onze mães estão empregadas, uma desempregada, uma é estudante e outra está de licença sem vencimento. Quanto aos pais, doze estão empregados e apenas dois estão desempregados. Estas informações podem ser consultadas no anexo 3- Referente à estrutura familiar, idades, habilitações dos pais e situação laboral no contexto de Creche, retirado do Portefólio de PPS.

No contexto de JI, pude observar que 11 crianças são oriundas de família de tipologia nuclear, 7 crianças de família monoparental e 2 crianças institucionalizadas (anexo 4- Referente à estrutura familiar das crianças no contexto de JI).

A idade das mães está compreendida entre os 35-39 anos, bem como a idade dos pais (anexo 5-Referente às idades das famílias no contexto de JI).

Quanto às habilitações académicas, a maioria das mães tem formação académica no Ensino Superior, bem como os pais (anexo 6-Referente às habilitações literárias das famílias no contexto de JI).

Conhecer o contexto familiar das crianças com quem trabalhamos é essencial para construirmos uma relação com as mesmas, uma vez que “a família e a instituição de educação pré-escolar são dois contextos sociais que contribuem para a educação da mesma criança; importa por isso, que haja uma relação entre estes dois sistemas.” (ME, 1997, p. 43).

1.6. Análise reflexiva sobre as intenções educativas, as finalidades educativas, os princípios orientadores, os espaços físicos; a (s) sala (s) de atividades e materiais bem como o (s) tempo (s) (rotina diária)

Quanto aos princípios orientadores, ambas as Educadoras Cooperantes regem-se pelas Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar, transmitindo valores de cooperação e ajuda e princípios de autonomia e socialização.

No que diz respeito aos espaços e às rotinas, no contexto de Creche as rotinas eram bem estruturadas, de modo a “ (...) permitirem que as crianças explorem, treinem e ganhem confiança nas suas competências em desenvolvimento” (Post & Hohmann, 2011, p. 15), sendo flexíveis e adequadas às necessidades das crianças. A sala de atividades é bastante ampla para que as crianças possam praticar a sua marcha e se movimentem à vontade. Esta está dividida por áreas que contêm materiais diversificados, promovendo uma aprendizagem lúdica, tais como blocos, jogos de encaixe, massa de moldar, bonecas e materiais do seu quotidiano (copos, pratos e talheres de plástico). A sala contém uma casa de banho para facilitar a mudança das fraldas. No anexo 7- Planta da sala e rotinas da sala de Creche é possível consultar a planta e a rotina da sala de Creche retirada do Portefólio PPS de Creche.

No contexto de JI, a sala de atividade é bastante ampla e dividida por áreas que permitem o desenvolvimento das crianças nas diversas áreas do conhecimento, como por exemplo a Área da Matemática (jogos didáticos), na Área da Escrita (peças de letras, cadernos), bem como materiais do seu quotidiano (pratos, talheres de plástico) mas também jogos de encaixe, plasticina, canetas e lápis de cor que incentivam o desenho livre. A rotina é bastante estável mas ainda assim flexível e adequada ao desenvolvimento do grupo de crianças. As rotinas e a planta da sala de JI podem ser consultadas no anexo 8- Planta da sala e rotinas da sala de JI.

Ambas as Instituições têm um espaço ao ar livre que permite que as crianças contactem com outros materiais, tais como triciclos e escorregas. No anexo 9- Referente aos espaços físicos do contexto de Creche e do contexto de JI, é possível consultar os espaços físicos de cada Instituição.

II – Análise Reflexiva da Intervenção

O presente capítulo encontra-se subdividido em dois pontos, sendo eles a identificação e fundamentação das intenções para a ação pedagógica e a identificação da problemática.

O ponto da identificação e fundamentação das intenções para a ação pedagógica é constituído por uma reflexão crítica do trabalho que desenvolvi no contexto de Creche e de Jardim de Infância, sendo também identificada a minha intencionalidade educativa para ambos os contextos.

No segundo ponto, é apresentada e explicitada a problemática que considerei mais significativa ao longo da minha prática profissional supervisionada que se centra na participação das famílias no processo educativo das crianças ao longo da educação pré-escolar, sendo que esta se insere especificamente no contexto de Jardim de Infância.

2.1. Identificação e Fundamentação das intenções para a ação pedagógica

“O conhecimento prático pessoal é o conhecimento imbuído de todas as experiências que moldam a personalidade de uma pessoa.” (Clandinin, 1985 citado em Vasconcelos, 1997, p.33).

Tal como afirma Clandinin, o conhecimento que possuímos provem das nossas experiências pessoais e profissionais, assim sendo o modo como agimos provem das experiências que tivemos e, é neste sentido que para orientar as minhas ações necessitei de definir muito bem e *à priori* as minhas intenções para a ação pedagógica.

Mas não podemos definir as nossas intenções sem antes refletirmos acerca do que é realmente a educação. Assim sendo, reflito sobre o que é educar, “partamos do verbo educar. Possui muitos sinónimos os três principais são: criar, ensinar e formar.” (Reboul, 2000,p.18), ou seja para ser a educadora que anseio ser tenho de ter sempre presente que tenho um papel fundamental na educação da criança, tendo de ensinar não só conteúdos, mas sim ferramentas que a permitam formar-se como cidadão ativo da sociedade à qual pertence, ou seja educar para toda a vida e não apenas uma educação efémera.

Segundo Sarmiento e Sousa (2010), “ (...) educar é, então, plataforma para o devir; é carta de socialização, como processo de aquisição de conhecimentos, valores e

símbolos, ou seja, das maneiras de ser, pensar e agir – a cultura - do grupo em que o indivíduo está inserido.” (p.143). Cabe então aos grupos em que o indivíduo está inserido, tais como a família e a escola, transmitirem valores essenciais à formação do indivíduo, valores esses que vão permanecer durante toda a vida e que irão orientar as ações da criança.

As intenções para a ação pedagógica são a base da ação do educador que deve ter sempre em conta os princípios que norteiam a sua intervenção, assim sendo ao longo deste processo de aprendizagem tentei sempre respeitar as intenções que defini.

Segundo, as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997) a “(...) intencionalidade exige que o educador reflita sobre a sua acção e a forma como adequa às necessidades das crianças (...)” (p.93) e, nesse sentido refleti sempre antes e após à minha ação de modo a definir os valores e princípios que pretendia transmitir ao grupo.

Este processo de reflexão auxiliou-me na minha ação, permitindo-me melhorar e conferir uma resposta adequada às necessidades das crianças, uma vez que a “(...) reflexão (...) acompanha a acção no sentido de a adequar às propostas das crianças e de responder a situações imprevistas (...)” (ME, 1997, p. 93). A reflexão auxiliou-me a adequar a escolha de materiais, especialmente às crianças em contexto de Creche, uma vez que nunca tinha realizado uma intervenção prática nesta valência não tendo certeza dos materiais que seriam adequados para realizar uma determinada atividade.

Segundo Shön (2007) “(...) podemos refletir sobre a ação, pensando retrospectivamente sobre o que fizemos, de modo a descobrir como o nosso ato (...) pode ter contribuído para um resultado inesperado.” (p.32). Segundo o autor, o ser humano possui a capacidade de refletir antes, durante e após a sua ação, sendo essa capacidade utilizada por mim ao longo da minha intervenção pedagógica.

No sentido de refletir acerca das minhas intenções, o processo de planificação semanal e diária, bem como as reflexões diárias e semanais foram uma mais-valia, uma vez que pude organizar a minha ação, refletindo acerca da pertinência das atividades que propus aos grupos, tendo sempre presente os interesses e gostos de cada grupo de crianças. As reflexões permitiam organizar o meu pensamento, planificando atividades inseridas nas áreas de conteúdo em que as crianças revelavam um maior interesse.

A capacidade do ser humano refletir é valiosa e, por vezes desvalorizada mas durante este processo tive a oportunidade de melhorar a minha capacidade de reflexão, colocando-a em prática no final de cada dia, refletindo acerca das minhas ações.

Durante o processo de reflexão consegui detetar falhas na minha ação pedagógica, encontrando soluções para a melhorar. Compreendi o que fiz errado, pensando como o poderia melhorar e se a solução encontrada era a mais adequada para o grupo com quem estava a trabalhar. Um exemplo disso registou-se no momento das refeições em que é essencial estabelecer contacto visual com a criança e em que tive de adaptar o modo como auxiliava as crianças nesse determinado momento, possibilitando um maior contacto visual, bem como estabelecendo o diálogo com as mesmas.

Este processo de reconhecimento das minhas fragilidades, bem como das minhas potencialidades foi uma mais-valia para a intervenção, auxiliando-me na minha formação, permitindo-me conhecer melhor as minhas características não só enquanto profissional como, também a nível pessoal.

Segundo Dewey (1994), a evolução deve ser feita “em direcção a uma atitude mais reflexiva e interrogante” (p. 6), não devendo esta capacidade de reflexão ser “perdida” ao longo da nossa vida profissional e pessoal.

Contudo uma das minhas prioridades, no que diz respeito às intenções para a ação era dar continuidade aos princípios e valores transmitidos pelas Educadoras Cooperantes, bem como a todo o trabalho que estava a ser realizado nas salas, assim sendo os valores que defini desde o início da minha intervenção foram ao encontro dos valores transmitidos pelas Educadoras.

Alguns dos valores que defini para a minha ação pedagógica são comuns ao contexto de Creche e de Jardim de Infância, sendo delineados com base na caracterização do grupo de crianças com quem iria trabalhar.

A observação e a caracterização do grupo de crianças foram essenciais para delinear as minhas intenções, uma vez que me permitiram conhecer as crianças, bem como as suas “ (...) capacidades, interesses e dificuldades” (ME, 1997, p. 25), adequando a minha ação às necessidades das crianças. Conhecer o grupo de crianças auxiliou-me na planificação de atividades adequadas, sendo importante para mim transmitir segurança e carinho em todas as minhas ações, solidificando a minha relação

com as crianças para que estas permitam que eu me integre nas suas rotinas e sintam segurança na minha presença.

«Tive receio que o menino que eu não tive oportunidade de conhecer na semana de observação estranhasse a minha presença, mas isso só aconteceu durante um pouco e na hora do repouso já interagia comigo.»

(6 de janeiro de 2014 retirado do Portefólio da PPS de Creche)

Ao longo da prática profissional supervisionada tentei sempre conhecer bem cada criança do grupo de modo a estabelecer uma relação de segurança e de confiança com a mesma. Como foi o caso de uma criança, no contexto de Creche, que não teve oportunidade de conhecer na semana de observação e fiquei com receio que rejeitasse minha presença quando regressasse à Instituição, mas tal não aconteceu.

A minha intenção primordial ao trabalhar quer em contexto de Creche, quer em Jardim de Infância era fornecer “ferramentas” às crianças para que estas se tornassem autónomas e independentes tanto nas rotinas, bem como nas escolhas que fazem.

Para colocar em prática as minhas intenções devo fazer opções quanto aos conteúdos que quero abordar, pois apenas na concretização é que as crianças se apropriam dos conhecimentos e valores que pretendo transmitir, ou seja privilegiar metodologias participativas.

No contexto de Creche, pretendi incentivar a autonomia das crianças nas escolhas que faziam durante a sua rotina e na exploração dos materiais:

«No decorrer da atividade, dávamos a liberdade à criança para escolher a cor da tinta que queria utilizar, de seguida passávamos o rolo na tinta e dávamos à criança para que pudesse pintar livremente e explorar o material à vontade.» (9 de janeiro de

2014 retirado do Portefólio da PPS de Creche)

Estes momentos de exploração de materiais e de poder de escolha, neste caso de tintas, permitiram-me perceber que mesmo em idades tão novas, as crianças têm a capacidade de escolher os materiais que irão utilizar nas atividades. A maioria das atividades que propus no contexto de creche permitia que as crianças tomassem decisões sobre a ação que iriam realizar.

Durante estes momentos, o meu papel consistia em observar a ação e reação das crianças, observando a interação entre estas e os materiais e com os seus pares. Foi

interessante observar a expressão de felicidade de uma criança ao descobrir uma nova textura ou como se manipula um novo material:

«Durante a atividade as crianças mexeram na massa, revelando uma expressão facial de surpresa ao descobrirem as diferentes consistências que a massa pode conter, exploraram muito a massa através do tato, uma vez que nenhuma das crianças colocou a massa na boca.» (30 de janeiro de 2014 retirado do Portefólio da PPS de Creche)

No que diz respeito ao Jardim de Infância, pude observar que as crianças já tinham mais autonomia, colocando uma intenção na sua ação. Durante algumas atividades, compreendi que as crianças planeiam a escolha de materiais que vão utilizar na realização da atividade:

«O SD dirige-se a mim, dizendo: “Ana, já viste o que vou colar no meu peixe?”, ao qual eu respondo: “SD nunca tinha visto um búzio desses, onde o encontraste?” (a criança aponta para as caixas das conchas e búzios que estou disponíveis no armário da sala, mostrando-me mais exemplares de búzios).» (Semana de 3 a 7 de março de 2014 retirado do Portefólio da PPS de JI)

Neste momento pude observar a autonomia da criança na escolha de materiais para o trabalho que estava a realizar, sendo o meu papel o de apoiar a exploração da criança, pois “dedicar uma atenção cuidada às crianças dá-lhe também ideia de como elas incorporam a experiência no contexto das suas próprias vidas”. (Hohmann & Weikart, 2011, p.428)

Outra grande intenção que tive para a minha ação pedagógica foi promover aprendizagens diversificadas mas também que fossem significativas, promovendo o desenvolvimento das crianças, valorizando sempre os conhecimentos das crianças e baseando-me nos seus interesses:

«“Aprendi a jogar bingo que era um jogo que não sabia.” (LS, 6 anos) e (EM, 5 anos).» (20 de maio de 2014, avaliação do Projeto retirado do Portefólio da PPS de JI).

Nesta partilha de opiniões, as crianças referiram o que tinham aprendido de novo com a elaboração do Projeto e as novas experiências que tinham vivenciado.

A avaliação do Projeto que foi desenvolvido com as crianças no contexto de JI permitiu-me escutá-las a partilharem o que tinha aprendido desta experiência, referindo a aprendizagem mais significativa para elas. Através da partilha de informação, o grupo

revelou que a elaboração do conto foi a sua atividade favorita, assim sendo a metodologia de trabalho por Projeto tem como característica “ (...) ser uma investigação, uma parte da pesquisa que leva um grupo de crianças a procurar respostas para as perguntas que elas próprias formularam.” (Katz & Chard, 2009,p. 3).

Tive como intenção a minha integração na equipa educativa e a partilha de informação com as famílias, uma vez que considero fundamental que todos os elementos, que fazem parte da vida das crianças tenham uma relação saudável em que podem trocar informações e partilhar ideias, focando-se no desenvolvimento da criança.

Ao estabelecer uma relação com as famílias, aprendi um pouco mais acerca das crianças, nomeadamente receios, conquistas e interesses. Esse conhecimento acerca de cada criança permitiu-me adequar a minha ação, uma vez que “(...) o impacto da vida familiar – em toda a sua complexidade- afecta todos e cada um dos aspetos do desenvolvimento da criança.” (Hohmann & Weikart, 2011, p.100).

Ao longo da minha prática profissional supervisionada em Creche e em JI tive a oportunidade de observar o trabalho em equipa que é realizado nas Instituições. O trabalho em equipa e a partilha de informações acerca das crianças e do seu desenvolvimento é essencial para o trabalho do educador no sentido em que a troca de informações traz “(...) benefícios para a educação da criança.” (ME, 1997, p. 27).

Durante este processo de formação tive a oportunidade de partilhar opiniões com a equipa educativa e, esses momentos de partilha orientaram a minha ação e permitiram-me adequar as atividades ao grupo de crianças, pois estes momentos “(...) são um meio importante de formação profissional com efeitos na educação das crianças.” (ME, 1997, p.41).

A partilha de informação e o trabalho cooperativo aumentou a minha motivação, pois senti que estava a ser apoiada e as minhas ideias e opiniões estavam a ser ouvidas, refletindo-se no meu trabalho com o grupo de crianças.

No que diz respeito à interação com as crianças, fui confrontada com as minhas próprias questões, no sentido de compreender se estava a dar a devida atenção a todas e a cada criança, bem como se estava a transmitir valores de autonomia e cooperação ao grupo de crianças.

Creio que fui bem-sucedida na relação com as crianças em ambos os contextos, uma vez que estabeleci uma relação de companheirismo, cooperação, segurança e carinho. Tentei sempre conferir a devida atenção a cada criança, no entanto sempre promovendo a sua autonomia. A autonomia na valência de Creche baseou-se em pequenas ações, tais como na resolução de conflitos e em diversos momentos da rotina.

No que diz respeito à valência de Jardim de Infância, o grupo é bastante autónomo, sendo que desempenhava o papel de mediadora na resolução de conflitos entre as crianças, promovendo o diálogo.

Intervenção Educativa em Creche

No que diz respeito ao contexto de Creche, baseei a minha intervenção nas experiências de exploração dos sentidos, através de atividades como a manipulação de massa mágica e de materiais com diversas texturas, tais como a lixa e o algodão, pois ao observar o grupo compreendi que é através de atividades de exploração que contactam e descobrem o mundo ao seu redor.

Propus as atividades, trabalhando em torno de temas, uma vez que a Educadora Cooperante sugeriu esse tipo de abordagem. A escolha de temas ficou a meu cargo e a partir da observação que realizei do grupo, propus atividades inseridas na temática do Inverno, da Higiene Diária e do Corpo Humano.

No que concerne à exploração de materiais de uso quotidiano e com diferentes texturas, promovendo a exploração sensoriomotora:

«Manusearam autonomamente o material, gostando especialmente do papel celofane por ser colorido, colocando-o perto da cara para observarem melhor e do papel das bolhas, uma vez que ao rebentarem as bolhas o papel fazia barulho. Algumas crianças tiveram um pouco de receio em manusear a lixa por ter uma textura áspera mas assim que mostrei que não havia problema em manusear a lixa, as crianças tiveram curiosidade em manusear o material. Algumas crianças à medida que iam manuseando o material imitiam vocalizações das suas sensações, como foi o caso da F. que quando tocou no algodão disse que era fofinho.» (27 de janeiro de 2014 retirado do Portefólio da PPS de Creche).

Com esta atividade pude observar as crianças a experienciarem novas sensações, expressando-as, a manusearem e a explorarem as características dos materiais, sendo a maioria dos mesmos uma novidade para as crianças.

Tive como intenção fomentar a interação entre pares, uma vez que as crianças não partilhavam brincadeiras e através de atividades em grandes e pequenos grupos, as crianças aprenderam a partilhar. Um destes exemplos é a atividade de motricidade, em que num dos jogos que realizei, as crianças estavam sentadas frente a frente, tendo de lançar a bola uma à outra, dando importância à relação entre pares:

«as crianças estavam fascinadas e entusiasmadas com os materiais que estavam ao seu redor, pois são apelativos à exploração e então eu, a educadora cooperante e as assistentes operacionais (...) deixámos as crianças explorarem os materiais. É importante para as crianças explorarem tudo o que as rodeia, bem como explorarem os seus sentidos e desenvolverem o seu ímpeto exploratório.

Em momentos de brincadeira livre nas áreas em que eu estava a brincar com uma criança e outra criança chegava perto de nós, revelando interesse em participar na brincadeira, eu incentivava a sua participação dando-lhe brinquedos e dialogando com ambas as crianças.» (10 de janeiro de 2014 retirado do Portefólio da PPS de Creche).

As interações entre pares são muito importantes nesta faixa etária, pois essa interação auxilia a criança “(...) a avaliar características e comportamentos (...), a socializar-se e a aprender sobre si e sobre os outros, vão ajudá-la a perceber o mundo.” (Matta, 2001, p. 315).

As crianças nesta faixa etária estão a adquirir a linguagem, assim sendo tive a intenção de fomentar o desenvolvimento da linguagem, recorrendo a canções, à leitura de diversas histórias e à exploração de imagens de diversos livros.

Nesta fase de aquisição de linguagem, o adulto tem o papel de auxiliar a criança nas suas “tentativas” de produção, assim sendo “ao conversar com a criança, o adulto desempenha o papel de “andaime”, interpelando-a, clarificando as suas produções, expandindo os enunciados que a criança produziu e providenciando modelos que ela testa. Esta função do adulto é determinante no processo de desenvolvimento do jovem aprendiz de falante.” (Sim-Sim, Silva & Nunes, 2008, p.11).

A leitura de histórias permitiu explorar a linguagem oral, incentivando as vocalizações das crianças:

«Após contar e explorar a história com as crianças, pude estabelecer uma relação entre a personagem da história e outro dos temas que vou trabalhar com o grupo, o corpo humano. Perguntei às crianças onde estava os olhos do gato (personagem principal da história) e, posteriormente pedi a algumas crianças que identificassem onde estavam os seus olhos. Algumas crianças colaboraram comigo e as que ainda não sabiam identificar eu pegava na mão delas e apontava. Fiz este procedimento para as várias partes constituintes do rosto humano.» (7 de janeiro de 2014 retirado do Portefólio da PPS de Creche).

Durante esta atividade, observei que as crianças para além de identificarem as diferentes partes do corpo, já realizavam tentativas de vocalização das mesmas e pude observar que essas tentativas eram através de “imitação” dos sons das palavras que eu dizia.

Intervenção Educativa em Jardim de Infância

Como referi anteriormente, as crianças na faixa etária de Jardim de Infância são muito autónomas e persistentes em relação às suas escolhas, algo que me surpreendeu bastante quando iniciei a minha prática profissional supervisionada neste contexto.

As crianças são bastante curiosas, ativas e com iniciativa para iniciar uma atividade, planificada pela educadora ou uma atividade livre. Tive de me adaptar às características das crianças e compreendi que lhes tinha de conferir o espaço que necessitavam para explorar autonomamente o mundo que as rodeia:

«diálogo ouvido na área da garagem entre dois rapazes a brincarem com os carros e os Leggos “Este é o pai e tu és o filho, este vai andar com muita força, vai ganhar. ” Pude ainda observar que durante as brincadeiras de duas crianças nos jogos, estas estavam a construir uma casa e um castelo.» (17 de fevereiro de 2014 retirado do Portefólio da PPS de JI).

Neste momento, o meu papel foi o de observadora, deixando as crianças explorarem as características dos materiais com que estavam a trabalhar. Observei

ainda, a capacidade de reflexão das crianças e o facto de formularem hipóteses, observando apenas as características do material e, posteriormente testando-as.

Após o período de adaptação ao contexto de JI, tive a oportunidade de colocar em prática a metodologia de Trabalho de Projeto, sendo este “um estudo em profundidade sobre determinado tema ou tópico.” (Katz & Chard, 1989 citado em Vasconcelos, 2012, p.10).

Outra característica do trabalho por Projeto é a sua abordagem interdisciplinar, uma vez que pretendia desenvolver a articulação entre as várias áreas de conteúdo, sendo as propostas de atividades significativas para a aprendizagem das crianças.

Ao longo da minha intervenção pretendi abordar as diversas áreas de conteúdo, selecionando em cada uma delas os conteúdos a abordar.

Na área de Formação Pessoal e Social tive a intenção de transmitir e promover a “interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos” (ME, 1997, p. 51), promovendo a autonomia das crianças, quer na sua rotina, quer na tomada de decisões.

O domínio da Expressão Plástica foi constantemente trabalhado durante a minha prática, uma vez que é um dos domínios favoritos do grupo de crianças. Durante o Projeto as crianças elaboraram uma maquete de um livro, diversos registos desenhados das suas experiências e marcadores de livros:

«As crianças estavam bastante entusiasmadas na realização da atividade, existindo mesmo crianças que me pediam para fazer mais marcadores e eu deixava, pois tínhamos uma grande quantidade de marcadores para decorar. As crianças escolheram o material para colar que mais gostavam e tinham em atenção o tamanho do papel para que o que colavam no marcador não poderia estar de fora do papel do mesmo.» (3 e 4 de abril de 2014 retirado do Portefólio da PPS de JI).

Durante as atividades de Expressão Plástica, promovi a capacidade de escolha das crianças, conferindo-lhes espaço para escolherem os materiais que iriam utilizar, o modo como os utilizariam e a forma de como elaborariam os trabalhos, uma vez que “as crianças exploram espontaneamente diversos materiais e instrumentos de expressão plástica (...)” (ME, 1997, p. 61). Promovi ainda a exploração e a utilização de novos materiais, tais como o papel vegetal.

No domínio da Expressão Musical e Motora, apenas tive a oportunidade de abordar através de alguns jogos que promoviam a reprodução e criação de motivos rítmicos, utilizando as clavas, sendo que “a expressão musical assenta num trabalho de exploração de sons e ritmos, que a criança produz e explora espontaneamente (...).” (ME, 1997, p. 63).

No que concerne a Expressão Motora, propus um jogo que implicava as crianças deslocarem-se de diversos modos, possibilitando “a diversificação de formas de utilizar e de sentir o corpo (...).” (ME, 1997, p.58)

O domínio mais abordado no Projeto é o da Linguagem Oral e Abordagem à Escrita, uma vez que o Projeto desenrolou-se em torno de como se fazem os livros e as crianças tiveram a ideia de trazerem os seus livros favoritos, de modo a que eu contasse a história, sendo os diálogos em grande grupo constantes. Realizei uma outra atividade, uma ficha de divisão silábica, uma vez que as crianças faziam a divisão silábica apenas batendo as palmas, não tendo a plena consciência do que significava. Assim sendo, com a pintura de círculos, as crianças foram adquirindo, aos poucos, a consciência de em quantas partes se divide uma palavra silabicamente.

Durante o Projeto, as crianças trouxeram diversos livros para ler e uma das minhas intenções era transmitir ao grupo a importância da leitura e da manipulação dos livros:

«A minha intenção com a leitura desta história era a de valorizar a leitura de livros que hoje em dia está a ser “substituída” pelas novas tecnologias. Quis transmitir às crianças a importância que é o folhear um livro e ter contacto com os mesmos. De seguida, as crianças reuniram-se em pequenos grupos de modo a elaborar o registo desenhado do seu livro favorito. Na mesa, dialoguei com as crianças acerca do seu livro favorito, o porquê desse ser o seu livro favorito e de quem é que o lia para elas.»

(31 de março de 2014 retirado do Portefólio da PPS de JI)

Com esta atividade a motivação das crianças aumentou e, a partir desse momento trouxeram ainda mais livros para lermos e a área dos livros era uma das mais frequentadas pelas crianças.

No domínio da Matemática, uma vez que algumas crianças ainda não têm desenvolvida a noção de número, foram desenvolvidas atividades de contagem e

formação de conjuntos, foi realizado um trabalho sistemático e intencional neste domínio durante a rotina como, por exemplo a contagem dos lápis que vão utilizar para elaborar o desenho ou quantos meninos estão presentes na sala.

Ao “partir” de situações do cotidiano, contribuo para o desenvolvimento do pensamento lógico-matemático das crianças, “(...) intencionalizando momentos de consolidação e sistematização de noções matemáticas.” (ME, 1997, p.73).

Dinamizei através de jogos, situações de contagem, pois “ (...) é importante começar a desenvolver o sentido do número desde os primeiros anos, quando as ideias fundamentais sobre os números podem ser adquiridas dentro de uma estrutura de utilização e de aplicação.” (Turkel & Newman, 1988,p.1).

A opinião das crianças acerca das atividades de matemática ajudou-me a avaliar a minha intervenção, no sentido em que as crianças relatam como vivenciam essa experiência:

«O feedback por parte das crianças foi fantástico, uma vez que estas queriam repetir várias vezes a atividade e o FC dirigiu-se a mim, dizendo: “Ana, o jogo pode ficar na nossa sala para podermos jogar quando quisermos?” , significando que as crianças estavam entusiasmadas com a atividade.» (4 de maio de 2014 retirado do

Portefólio da PPS de JI).

Por fim, para desenvolver conteúdos da área de Conhecimento do Mundo tive em atenção as dúvidas e curiosidades das crianças. Quando as crianças colocavam questões acerca do Projeto ou acerca de algum fenómeno que observavam, o meu papel foi o de incentivar a procura de uma resposta para o que estavam a observar. Um dos casos mais interessantes de observar ocorreu durante a experiência de flutuação de objetos e alimentos do quotidiano:

«Quando por vezes o resultado não estava de acordo com as expectativas das crianças surgiram alguns comentários, tais como: a M.L.R a antecipar o que iria acontecer com o feijão-verde “Vai ao fundo, de certeza.” Após observar que o feijão-verde flutua revelou uma expressão espantada, franzindo a testa e dando um pequeno sorriso envergonhado. O mesmo aconteceu com o resto do grupo de crianças quando observou o íman a atrair os clips mesmo de baixo de água e surgiram vários

comentários de espanto como, por exemplo: A JP “Ora esta!”» (20 de fevereiro de 2014 retirado do Portefólio da PPS de JI).

É essencial apoiar as explorações que as crianças fazem durante o seu dia-a-dia, bem como fomentar a sua capacidade de formular hipóteses acerca do que irá acontecer ao objeto e de refletir acerca do que observam, uma vez que “o grande desafio das sociedades atuais, onde as diferentes instituições de ensino desempenham um papel importante, é formar cidadãos capazes de analisar criticamente as situações que os afetam de forma mais ou menos próxima.” (Martins et al, 2009, p.11).

Concluindo, as intenções que defini foram essenciais para orientar a minha ação, a refletir e a reformular a mesma adequando-a às necessidades e interesses que o grupo ia apresentando ao longo da minha prática profissional supervisionada.

2.2. Identificação da Problemática: Participação das Famílias no Processo Educativo das Crianças

“Incentivar a participação das famílias no processo educativo e estabelecer relações de efetiva colaboração com a comunidade. ” (ME, 1997, p.22)

Segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar é essencial estabelecer contacto com as famílias das crianças, ao longo do seu processo de desenvolvimento, uma vez que os pais são os principais prestadores de cuidados, sendo o meio familiar e a cultura da criança muito importante para a construção da personalidade da mesma.

A razão que me levou a aprofundar este tema surgiu após a observação dos contextos em que realizei a minha prática profissional supervisionada, tendo a oportunidade de verificar que as famílias das crianças eram participativas e interessadas no processo educativo das crianças.

Ao longo da minha formação profissional senti necessidade de refletir mais acerca da relação entre a escola e a família, aprofundando o meu conhecimento acerca da mesma. Senti que durante a minha prática profissional supervisionada podia trabalhar esta questão, no sentido de fomentar e consolidar a minha relação com as famílias das crianças.

Após a observação e caracterização dos contextos pude estabelecer objetivos que orientaram a minha intervenção junto das famílias das crianças, sendo eles os seguintes:

- ✓ Incentivar a participação das famílias no processo educativo das crianças;
- ✓ Estabelecer uma relação com cada família, de modo a trocar informações essenciais ao desenvolvimento das crianças;
- ✓ Colaborar com as famílias em atividades que estas possam vir a propor.

Os objetivos delineados auxiliaram a minha relação com as famílias e em conversas informais com as Educadoras Cooperantes partilhei as minhas ideias acerca do trabalho que gostaria de realizar junto das mesmas, pois considero a participação das famílias fundamental ao longo de todo o processo educativo, uma vez que ao acompanharem as crianças e mostrarem que estão interessadas transmitem esse interesse às crianças, motivando-as para a escola. Através dessas conversas com as Educadoras Cooperantes de ambos os contextos pude constatar que as famílias das crianças são bastante participativas e que são bastante recetivas aos pedidos de participação em atividades solicitadas pelas Educadoras.

Referencial Teórico

A família é vista como um “elemento natural e fundamental da sociedade e meio natural para o crescimento e bem-estar de todos os seus membros (...)” (Preâmbulo da Convenção sobre os Direitos da Criança, 2004, p.3). Desse modo, não devemos esquecer que a educação familiar é mais antiga do que a educação escolar, uma vez que a primeira sempre existiu e sempre existirá, tendo os valores familiares um “grande peso” na formação do indivíduo.

É conhecido que antes da emergência da instituição escolar, a educação era realizada num contexto informal, sendo que as crianças aprendiam por imitação, observando as ações dos adultos.

A relação escola-família surge com “(...) os primórdios da escolarização, entendida aqui, de forma sumária, como um processo formal de educação que inclui, entre outros aspectos, a promoção do acesso à leitura e à escrita.” (Silva, 2010, p. 444).

É então no século XIX, que em vários países europeus se observa o “(...) processo de escolarização de massas no ensino primário” (Silva, 2010, p. 445) que permitiu o acesso à escola por parte da maioria da população não letrada, levando a uma especialização de funções quer dos pais, quer dos educadores.

Atualmente, a relação entre a escola e a família está cada vez mais “estreita” “(...) no sentido da sua universalização, o que pode contrastar com o estado das relações informais ou com a vantagem obtida pelos grupos sociais que demonstram junto da escola uma maior capacidade para obter ganhos – escolares, mas também sociais – para os seus filhos.” (Silva, 2010, p. 446).

A relação entre a escola e as famílias é uma vantagem para todos os seus participantes, uma vez que “(...) pais e educadores, ganham mais segurança nos seus esforços mútuos no sentido de facilitarem a transição entre a casa e o infantário.” (Post & Hohmann, 2011, p. 329) transmitindo às crianças sentimentos de segurança, conforto e carinho.

A escola sempre foi observada como a Instituição com a função de instruir, sendo que a família tinha apenas a função de cuidar. Essa visão de ambos os contextos tem vindo a ser alterada e creio que o trabalho entre ambos não pode ser observado de um modo tão estanque e que juntos, pais e educadores contribuem muito mais para o desenvolvimento da criança. Através dessa relação existe um complemento entre o contexto escolar e o contexto familiar, em que as aprendizagens realizadas em ambos os contextos têm continuidade fora dos mesmos.

Segundo a Convenção sobre os Direitos da Criança (Unicef, 2004) “a criança tem direito à educação” (art.28º, 1 da Convenção sobre os Direitos da Criança), logo os pais têm o dever de possibilitar a ida das crianças para a escola, bem como é dever do Estado criar as condições necessárias para que a educação seja acessível a todas as crianças.

Neste sentido, o primeiro passo das famílias na participação do processo educativo das crianças inicia-se com a escolha da escola que consideram adequada segundo os seus princípios, assim sendo os pais “têm também o direito de conhecer, escolher e contribuir para a resposta educativa que desejam para os seus filhos.”

(ME,1997, p.43). As famílias têm o direito de escolher a escola que desejam que os seus filhos frequentem, tendo um papel ativo na educação dos mesmos.

Segundo Sarmiento e Figueiredo (2009), “o afastamento da família relativamente à escola foi consequência de uma crescente institucionalização do ensino, bem como do tradicional centralismo da educação no nosso país” (2214) mas devido à “escola de massas” a relação entre a escola e a família foi-se alterando e ao existir um trabalho em conjunto com as famílias, permite que a escola “rompa” com as ideologias tradicionais.

Esta relação entre a escola e a família, permite que esta última tenha uma participação ativa na educação das crianças, uma vez que esta é “(...) a primeira e permanente responsável e promotora da formação global do seu educando.” (Sousa & Sarmiento, 2010, p.143).

Atualmente, a relação entre a escola e a família está mais consolidada, trazendo benefícios para todos os seus participantes. Apesar das Instituições em que tive a oportunidade de realizar a minha prática profissional supervisionada não seguirem um Modelo Pedagógico específico, tendo um currículo flexível, tive a oportunidade de pesquisar acerca de alguns Modelos Pedagógicos, bem como do modo como fomentam a relação com as famílias das crianças.

O Movimento da Escola Moderna (MEM) fomenta a relação entre ambos os contextos, promovendo a participação diária da família, bem como no processo de avaliação do grupo de crianças, de modo a que estes compreendam como se desenrola todo o trabalho no contexto escolar. Assim sendo “(...) conta-se com o envolvimento e implicação das famílias e da comunidade, quer para resolver problemas quotidianos de organização, quer para que o jardim de infância possa cumprir o seu papel de mediador e promotor de expressões culturais das populações que serve.” (Niza, 2013, p. 159).

Já o Modelo Pedagógico de Reggio Emilia promove formas de estar e trabalhar em conjunto, no sentido de “(...) intensificar as relações entre os três protagonistas centrais do processo educativo (...)” (Maluguzzi, 1998 citado em Lino,2013,p.134). As estratégias de trabalho com as famílias neste modelo passam ainda pela formação dos adultos que contactam com as crianças, sendo eles os educadores, auxiliares ou os pais das mesmas, bem como “(...) apoiar as questões ou problemas de ordem pedagógica e

social junto das famílias das crianças (...).” (Filippini, 1998 citado em Lino, 2013, p. 136).

Através do trabalho que realizei com as famílias compreendi que uma relação de partilha, cooperação e entajuda contribui para o desenvolvimento das crianças, pois segundo Martin Luther King, Jr. “Não é possível “fazer crescer” pessoas sem alimentar as suas raízes. Não podemos guiá-las em direção ao futuro sem valorizarmos o seu passado.” (citado em Hohmann & Weikart,2011,p.112).

Metodologia, instrumentos e roteiro ético

No que diz respeito à metodologia utilizada, a intervenção educacional realizou-se no âmbito da investigação-ação, respeitando uma abordagem de natureza qualitativa.

A investigação-ação é definida como um estudo de uma situação social com o intuito de melhorar a qualidade da ação que ocorre nessa mesma situação social. Segundo Máximo-Esteves (2008), “esta noção remete para o conceito de desenvolvimento (pessoal, profissional) para o qual se requer a compreensão dos ambientes e das acções cuja mudança se deseja, mediante a prática de investigação dos mesmos.” (p.18).

Como instrumentos utilizados para monitorizar a intervenção apliquei questionários no início da intervenção de modo a conhecer as famílias das crianças e conhecer as suas perceções sobre a participação das mesmas, bem como questionários no final da intervenção de forma a escutar a opinião das famílias acerca das atividades realizadas. Enviei também boletins informativos para dar a conhecer o desenvolvimento do Projeto. Tanto os questionários, bem como os boletins informativos foram apenas aplicados no contexto de Jardim de Infância, uma vez que a reduzida duração da intervenção pedagógica no contexto de Creche não permitiu a aplicação dos mesmos.

Quanto aos instrumentos e outras técnicas de recolha de dados recorri a cartas de apresentação às famílias, conversas informais com as famílias das crianças e com a equipa educativa, recorri também aos registos diários (notas de campo) e fotográfico.

No que concerne aos processos éticos solicitei a autorização às Educadoras Cooperantes e aos Encarregados de Educação das crianças o consentimento para

fotografar as crianças, os espaços de atividades, bem como os trabalhos realizados, explicando e explicitando sempre o fim a que se destinavam.

Respeitei a confidencialidade dos dados, bem como o anonimato das crianças e respectivas famílias, assim sendo as Instituições nas quais foram realizadas as práticas educativas não são mencionadas e as crianças são referidas pelas iniciais e não através do seu nome, salvaguardando assim a sua identidade.

Plano de Intervenção no contexto de Creche e de Jardim de Infância

No que diz respeito ao plano de intervenção pretendi, sempre que possível, integrar as atividades que propunha às famílias na temática abordada no contexto de sala. Assim sendo, no contexto de Creche tive a oportunidade de propor uma atividade inserida na temática do Corpo-Humano, solicitando que as famílias decorassem a silhueta das suas crianças com o material que desejassem.

No contexto de Jardim de Infância integrei as atividades que propus às famílias no Projeto “Como se faz um livro?” que estava a ser desenvolvido na sala.

Solicitei a participação das famílias propondo uma atividade de leitura e animação de histórias ao grupo de crianças, aproximando as famílias do contexto da sala. Propus ainda a elaboração de um marcador de livros, conferindo liberdade às famílias para o decorarem e a elaboração de um conto a partir da observação de quatro imagens, sendo estas últimas duas atividades realizadas em casa.

Intervenção Educativa em Creche

No início da minha intervenção na valência de Creche dialoguei com a Educadora Cooperante, expressando a minha ideia de trabalhar esta problemática e a Educadora concordou, apoiando-me.

A partir desse momento, comecei a contactar com as famílias das crianças na valência de Creche, pois compreendi que tanto o contexto educativo, bem como o contexto familiar influenciam as aprendizagens das crianças, sendo necessário existir uma boa relação entre estes dois contextos, não esquecendo que “as crianças estão sujeitas a vários contextos, logo, uma relação mais estreita entre a escola e a família,

poderá contribuir para uma educação mais sustentada.” (Sarmiento & Figueiredo, 2005, p.2212).

A relação entre ambos os contextos deve ser uma relação de cooperação, partilha e entrelaçada, pois as famílias têm um papel fundamental no desenvolvimento integral das crianças. Ao existir uma relação de cooperação entre o contexto educativo e o contexto familiar permite que as aprendizagens feitas no âmbito escolar sejam continuadas fora do mesmo, ou seja no âmbito familiar, pois “embora as parcerias educadores-pais levem o seu tempo e esforço até serem estabelecidas, todos beneficiam. (...) os pais ganham confiança nas suas competências parentais (...) os educadores crescem na sua capacidade de se conseguirem sintonizar com cada criança.” (Post & Hohmann,2011,p.329).

Apesar do pouco tempo na valência de Creche uma das minhas preocupações foi pensar em estratégias para colaborar e integrar as famílias no trabalho que estava a desenvolver com as crianças, uma vez que considero que as famílias desta sala são bastante participativas.

Comecei a contactar com as famílias desde o início da prática e com a ajuda da Educadora que já sabia os pontos fortes de cada família, solicitámos a participação de um pai que sabe tocar guitarra para que nos acompanhasse durante um momento musical. Infelizmente, no dia da atividade, o pai não conseguiu estar presente devido a motivos pessoais.

No contacto com as famílias e quando solicitamos a participação dos pais é essencial conhecer os pontos fortes e menos fortes de cada família para que esta não fique constrangida por não saber concretizar a atividade, pois “ao trabalhar com crianças é importante que coloquemos o foco naquilo que elas e as suas famílias conseguem fazer.” (Hohmann & Weikart, 2011, p.106).

Ao longo da minha intervenção tive sempre presente a minha própria experiência. Claro que não me recordo da minha transição entre a casa e a creche mas tenho consciência de outros períodos de transição, pelos quais passei ao longo da minha vida escolar. Ao ter consciência destes períodos compreendi melhor o período de separação dos pais e das crianças e, de como esse momento é muito íntimo e, por vezes até crítico. Nesses momentos, foi essencial observar a ação da Educadora Cooperante,

uma vez que eu tinha dificuldade em interagir com a família nesse momento tão próximo.

Com o decorrer do tempo, senti-me à vontade para interagir com as famílias, compartilhando informações e tranquilizando-as, uma vez que como educadora pretendo “(...) criar recordações agradáveis para as crianças (...)” (Post & Hohmann, 2011, p. 342), bem como para os pais.

De modo a estabelecer uma comunicação aberta e tranquilizar os pais acerca do que iria decorrer, no início da minha intervenção em Creche, redigi uma carta de apresentação aos pais, que pode ser consultada no Portefólio da PPS em Creche no anexo 2 e, desse modo todas as famílias das crianças da sala puderam conhecer-me e saber mais acerca do trabalho que iria realizar com as crianças e se tivessem dúvidas em relação ao mesmo para que eu as esclarecesse.

Ao longo da minha Prática Profissional Supervisionada em Creche, os pais iam trazendo materiais que eu precisava para abordar o tema do corpo humano- os cinco sentidos, foi o caso da mãe de uma criança que me emprestou um cd com sons da natureza para que as crianças explorassem os sons. Deste modo, os pais mostram-se participativos e interessados nas atividades que estávamos a desenvolver na sala, auxiliando-me a desenvolver as mesmas.

Sugeri à Educadora Cooperante propor uma atividade aos pais, que se inserisse no tema que estávamos a trabalhar na sala de atividades, ou seja, o Corpo Humano. Propus aos pais que decorassem a silhueta do corpo dos seus filhos com o material à sua escolha. A atividade foi realizada em casa, sendo que enviei a silhueta das crianças em papel cenário, conferindo às famílias o material necessário para realizarem o trabalho.

Na figura 1 é possível observar um exemplar do trabalho dos pais na valência de Creche.



Figura 1 – Trabalho com as famílias no contexto de Creche (silhueta do corpo humano)

Com a conclusão do trabalho e através de conversas informais, os pais consideraram a atividade uma ideia fantástica, uma vez que estávamos a explorar o tema do corpo humano, mostrando-se muito prestáveis e colaborativos. Os pais responderam de forma bastante positiva a esta atividade realizando trabalhos bastante criativos.

Foi muito gratificante observar que os pais estão envolvidos no processo educativo dos seus filhos e dispostos a participar nas atividades propostas.

Nesta etapa inicial da vida escolar das crianças, é fundamental uma partilha de informação entre a família e a escola, uma vez que essa partilha permite que “ (...) aprendam uns com os outros o que funciona e o que não funciona com determinada criança no seio da sua relação.” (Post & Hohmann, 2011, p.329).

Ambos os contextos interferem na formação da criança enquanto cidadã, assim sendo “ (...) todo o comportamento envolve integração feita a partir das interações que cada indivíduo estabelece com o meio envolvente desde a sua nascença. O crescimento é um processo contínuo que passa por várias vivências de desenvolvimento e aprendizagem.” (Abreu,2012, p.15).

Enquanto educadores temos de ter sempre presente que é essencial envolver a família, pois apenas com a sua ajuda conseguimos consolidar os valores que transmitimos às crianças na sala de atividades.

Segundo Sarmiento e Figueiredo (2009), a escola atualmente deve ser pensada e organizada “(...) com uma perspetiva que entrelaça *o saber, o saber fazer e o saber ser* num jogo de complementaridades que se constroem e se vinculam a uma prática participativa no âmbito da cidadania.” (p.2213). Os pais desempenham o papel de orientadores do processo educativo, sendo essencial a partilha de informação e a envolvimento com a escola.

Mas não cabe apenas às Instituições de Ensino a responsabilidade de contactar com as famílias, tendo estas também o dever de o fazer para com a escola. De acordo com os termos explicitados na alínea b) do número 2 do artigo 43 do Decreto-Lei nº51/2012, de 5 de setembro, é da responsabilidade dos pais “promover a articulação entre a educação na família e o ensino na escola.” É fundamental as famílias procurarem também estabelecer essa relação e compreenderem a importância que esta tem para o desenvolvimento da criança. As famílias ao acompanharem todo o processo educativo

motivam as crianças para o mesmo, fazendo com que estas se sintam apoiadas ao longo do seu crescimento.

Apenas juntos (educador/pais) conseguem desenvolver e transmitir as bases necessárias para construir conteúdos que promovam o desenvolvimento integral da criança, pois “o processo de colaboração com os pais e com a comunidade tem efeitos na educação das crianças, e ainda, consequências no desenvolvimento e na aprendizagem dos adultos que desempenham funções na sua educação”, segundo as Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar (1997, p.23).

No que diz respeito à minha estratégia de intervenção com as famílias na valência de Creche foi apenas estabelecer um contacto mais próximo com as mesmas através da partilha de informações da rotina das crianças e do envolvimento em algumas atividades.

No que concerne a organização do ambiente educativo como não realizamos atividades na sala, não foi necessária uma preparação específica mas considero essencial criar um ambiente acolhedor e seguro para que as famílias se sintam à vontade.

Pude observar que a relação entre a família e a Educadora Cooperante era baseada na partilha e na confiança, de modo a que essa partilha de informação e a cooperação possa existir de forma harmoniosa, assim sendo pude observar que a Educadora Cooperante tem uma relação consolidada com as famílias das crianças.

No que diz respeito ao trabalho realizado com a equipa educativa, a partilha de informações foi essencial para que eu construísse a minha relação com as famílias das crianças, uma vez que a equipa educativa conhece muito bem cada criança, bem como as famílias com quem contacta. As informações que me transmitiram acerca de cada criança foram fundamentais para trabalhar com cada família e adequar o modo como abordava essa mesma família.

As informações que partilharam comigo e o facto de eu ter tido a oportunidade de contactar com as famílias, permitiram que eu desenvolvesse e aperfeiçoasse a minha abordagem às famílias, como também no meu contacto com as crianças, conferindo-me informações específicas acerca das mesmas. Essas informações permitiram-me aprofundar a minha relação com as crianças, uma vez que “ (...) os educadores crescem na sua capacidade de se conseguirem sintonizar com cada criança.” (Post & Hohmann,

2011, p. 329), no sentido em que sabia bem quais os receios e interesses de cada criança.

Como o tempo na valência de Creche foi curto não consegui desenvolver mais atividades com as famílias nem aplicar questionários às mesmas acerca do trabalho desenvolvido, apenas mantive o diálogo com as famílias que me comunicavam que gostaram de realizar a atividade.

Ao longo deste processo de contacto com as famílias tive sempre em atenção que era fundamental elogiar o trabalho das mesmas, uma vez que “ pais e educadores podem fortalecer a confiança e o respeito que têm uns pelos outros e progredir em conjunto na sua capacidade de proporcionar cuidados e educação infantil às crianças.” (Post & Hohmann,2011,p. 352).

É fundamental a transmissão de informação entre o educador-família, família-educador uma vez que essa articulação entre o contexto familiar e o contexto educativo permite que informações fundamentais ao desenvolvimento das crianças circulem entre os dois contextos, contribuindo para melhorar quer a ação educativa, quer a ação familiar.

Uma vez que no contexto de Creche pude observar uma participação muito ativa das famílias no processo educativo das crianças, pretendi observar se o mesmo acontecia no contexto de educação pré-escolar ou se, por considerarem que as crianças estão mais “crescidas”, as famílias consideram que não é tão importante a sua participação no processo educativo das crianças.

Intervenção Educativa em Jardim de Infância

Após partilhar com a Educadora Cooperante de Jardim de Infância o trabalho que realizei com as famílias no contexto de Creche, esta apoiou a minha ideia e incentivou-me a estabelecer uma relação com as famílias do grupo de crianças.

Estabeleci a minha relação com as famílias das crianças em contexto de Jardim de Infância através do diálogo e com os pais que, por motivos de horário laboral iam buscar os filhos mais tarde pude contactar com eles através de cartas.

Comecei por enviar uma carta de apresentação aos pais, que pode ser consultada no anexo2 do Portefólio da PPS de JI.

Antes de iniciar o meu trabalho com as famílias apliquei um questionário a cada encarregado de educação, que pode ser consultado no anexo 10- Questionário aos pais no âmbito da problemática, tendo questões acerca da sua participação na vida escolar do seu educando, assim sendo consegui caracterizar melhor as famílias com quem trabalhei.

Através do questionário pretendi compreender as virtudes das famílias, no que diz respeito às atividades, uma vez que “(...) é mais produtivo e útil para a criança procurar e construir uma parceria baseada nos pontos fortes e nos sonhos dos pais.” (Post & Hohmann, 2011, p. 333).

Fazendo uma análise dos questionários aplicados no início da intervenção pedagógica, salienta-se que as famílias das crianças são interessadas no trabalho que é realizado na sala de atividades e revelaram interesse em realizar atividades por propostas por mim, bem como propor atividades que gostariam de realizar com as crianças. Eis algumas respostas que recolhi dos questionários aos pais:

«*Gostaria de realizar atividades como, por exemplo contar histórias, trabalhos de expressão plástica e ginástica.*” (mãe da CF)»; «*Como atividades gostaria de contar histórias e cantar canções com as crianças.*” (mãe da MR)» e «*Gostaria de realizar atividades de leitura e atividades musicais.*” (mãe da JP)».

Após aplicar este inquérito comecei a pensar em atividades que iria desenvolver com as famílias, sendo que as consegui inserir no tópico do Projeto “Como se faz um livro?” que desenvolvi com as crianças.

Na implementação das atividades tive em atenção as preferências das famílias, sendo que propus atividades de Expressão Plástica e de Linguagem Oral e Escrita, uma vez que verifiquei através dos questionários obtidos que as famílias se sentem mais à vontade a trabalhar essas áreas de conteúdo.

A primeira proposta de atividade que fiz aos pais consistiu na ida à sala de atividades com o intuito de realizar a leitura de uma história ao grupo, permitindo a sua interação com todas as crianças do grupo e ainda o seu envolvimento do desenvolvimento do Projeto. Nesta atividade contei com a participação de quatro mães,

sendo que as famílias que não participaram na atividade justificaram a sua não adesão à atividade devido ao horário laboral.

Para esta atividade, a organização do ambiente educativo foi a mais simples possível, sendo que o grupo de crianças estava sentado na área do tapete, dispostos em roda e os pais escolhiam a melhor posição para contarem a história. Alguns pais optaram por sentar-se, integrando a roda, justificando a sua escolha com a proximidade com as crianças e alguns pais optaram por se sentar em cadeiras. O tempo dedicado ao momento de leitura da história variava consoante a preparação dos pais para a atividade, mas a duração estava compreendida entre os trinta a quarenta e cinco minutos, sendo que cada pai veio contar a história em dias diferentes.

Surgiu aqui o meu primeiro obstáculo à participação das famílias nas atividades propostas por mim, uma vez que a adesão a esta atividade era fraca, assim sendo comecei a pensar em outras estratégias para envolver as famílias no processo educativo das crianças. Desta vez, tive em atenção que as famílias, devido ao seu horário laboral inflexível não poderiam dirigir-se à Instituição.

A segunda atividade que propus às famílias foi a realização de um marcador de livros, em que pais e filhos o constroem juntos e em casa, decorando os marcadores com o material que desejarem, como se pode observar na figura 2.



Figura 2 – Trabalho com as famílias no contexto de JI (marcadores de livros)

Nesta atividade, a adesão das famílias foi bastante positiva, sendo que participaram quinze famílias.

De modo a que fosse possível realizar esta atividade, preparei o material necessário, o marcador em cartolina, enviando-o para as famílias realizarem a atividade em casa. Para esta atividade, bem como para as atividades seguintes não coloquei limite

de tempo para a sua realização, uma vez que pretendi conferir a liberdade às famílias de organizarem o seu próprio tempo mas, de modo geral as famílias entregavam o produto final passado uma semana da proposta da atividade.

A realização de atividades em casa permite que as famílias organizem o seu tempo e destacam o tempo que for necessário para realizar a atividade com as crianças.

A outra atividade foi proposta pelas crianças que após desenharem o seu livro favorito na sala de atividades, uma das atividades do Projeto, propuseram trazer o seu livro favorito para que eu lesse na sala, de modo a todas as crianças partilharem com os seus colegas o seu livro favorito. Assim sendo, necessitaram da permissão dos pais para trazerem os seus livros favoritos de casa.

Durante o trabalho com as famílias, as crianças foram bastante participativas, no sentido em que partilhavam com as famílias as informações que eu lhes transmitia na sala, não só acerca dos trabalhos que eram desenvolvidos em casa com os pais, como também com informações relativas às atividades desenvolvidas no decorrer do Projeto.

Deste modo, desenvolveu-se uma ligação entre a escola e a família no que se poderá considerar uma comunicação indireta, uma vez que não existiu um contacto direto entre mim e as famílias, permitindo que as crianças desempenhassem o papel de “mensageiras” que, dessa forma transmitiam muito mais informação às famílias, relatando aspetos significativos da sua experiência no decorrer do Projeto.

Segundo Perrenoud (2001), a criança torna-se a mensageira e a mensagem, uma vez fazendo a ligação entre os dois contextos, funcionando como um *go-between*.

O *go-between* é uma figura sociológica, neste caso interpretada pela criança, que se encontra inserida em vários grupos de pertença (escola, família), sendo ela a ligação entre os mesmos.

Por fim, como na sala de atividades o grupo de crianças estava a elaborar o conto que deu origem a um livro, propus que as famílias elaborassem um pequeno conto, tendo como guia 4 imagens que lhes enviei, de modo a que estas realizassem uma pequena história com as crianças (anexo 11- Carta solicitando a participação dos pais no desenvolvimento do projeto).

Esta atividade foi a mais apreciada pelos pais e pelas crianças, uma vez que nunca tinham realizado este tipo de atividade. As atividades que enviei para casa

tiveram uma adesão positiva, uma vez que mais de metade das famílias participou na atividade.

Ao longo do processo da minha formação profissional no âmbito da prática profissional supervisionada em JI senti que era necessário estabelecer e estreitar mais os laços de comunicação com as famílias. Em conversa com a Supervisora Institucional, sugeri-me enviar um boletim informativo acerca do desenvolvimento do Projeto, uma vez que os pais que não iam ao corredor da sala tinham acesso às atividades desenvolvidas durante o Projeto.

Optei ainda por partilhar, com as Famílias e a Comunidade, o trabalho realizado expondo os mesmos no exterior da sala de atividades para que os pais que têm pouco tempo disponível possam observar os trabalhos que têm sido desenvolvidos.

Creio que foi essencial esta partilha de informação com as famílias, pois a partir desse momento os pais passaram a contactar mais comigo para falar acerca do Projeto e, no dia da divulgação do mesmo, algumas famílias presentearam-nos com a sua presença, querendo saber tudo o que as crianças realizaram no decorrer do Projeto.

Tive ainda a oportunidade de observar que, cada vez mais, os pais (sexo masculino) participam e estão mais presentes no processo educativo dos seus filhos.

Observei que, cada vez mais, são os pais quem vai deixar e buscar os seus filhos à Instituição e que participam nas atividades propostas, o que significa que cada vez mais os homens estão “despertos” para os benefícios que provêm de uma relação mais próxima com a escola.

Segundo Spodek e Saracho (2008), as condições sociais contemporâneas têm desafiado os pais para progressivamente assumirem um papel mais ativo na criação dos seus filhos. (p. 822). Creio que algumas das razões para que alguns pais não tenham um papel ativo, no que diz respeito à sua presença na escola, passam por o inflexível horário laboral, a sua possível falta de experiência com crianças e segundo Spodek e Saracho (2008) poderá ser também “a sua falta de conhecimento sobre a forma de assumir as tarefas e as responsabilidades da paternidade.” (p.822). Creio que outro fator que colaborou para o aumento da participação masculina na educação das crianças foi a entrada da mulher no mundo do trabalho, sendo que esta divide a sua vida profissional com a vida pessoal, conferindo espaço para a intervenção do pai na educação dos filhos.

Segundo Brazelton (1995), “em poucas décadas, o papel de pai sofreu alterações profundas” (p.473), uma vez que a participação dos pais baseava-se apenas na participação em atividades masculinas, tais como o desporto. Os pais que estão mais disponíveis para os filhos promovem a autoimagem dos mesmos e “(...) o seu envolvimento contribui para um apoio familiar mais estável à criança.” (Brazelton, 1995, p.475).

Ao longo da minha prática profissional supervisionada, pude verificar que muitos pais participam ativamente na vida escolar dos seus filhos, estando interessados e motivando as crianças para a aprendizagem. Durante o meu processo de formação profissional, quer no contexto de Creche, quer no contexto de Jardim de Infância tive vários pais que me procuravam para partilhar comigo informações acerca dos seus filhos, bem como para saber como estava a decorrer o Projeto e que atividades realizaram.

Foi fundamental estabelecer uma relação de partilha e entreajuda com todos os membros da equipa educativa, uma vez que são as pessoas que mais contactam com os pais das crianças e que mais informação me poderiam transmitir acerca do modo de interação com os mesmos. A partilha de informação ajudou-me bastante a adequar a minha ação na comunicação com as famílias.

Quando me deparava com dificuldades ao longo do caminho, nomeadamente a fraca adesão à primeira atividade que propus, foi a partilha de informação, de opiniões e ideias que me auxiliou a ultrapassar as adversidades com que me deparava. A relação que construí com a equipa educativa contribuiu para a minha formação profissional, no sentido em que a partilha de experiências promoveu o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

A Participação das Famílias: As “Vozes” dos Participantes

Ao longo da minha prática profissional supervisionada fui refletindo acerca da participação das famílias das crianças em contexto de Jardim de Infância, bem como acerca da minha abordagem com as mesmas. Esta reflexão permitiu-me adequar a minha ação na interação com os pais e auxiliou-me quando me deparei com o primeiro obstáculo de que as famílias não estavam a aderir às atividades propostas por mim, como gostaria.

Para mim foi essencial detetar o que estava a fazer de menos bem no contato com as famílias, sabia que poderia ser complicado “chegar” a todas as famílias, uma vez que a minha presença era nova mas, com o decorrer dos dias fui conhecendo cada vez melhor as características de cada família e compreendi que a minha ação tem de ser adequada a cada uma delas, visto que tal como as crianças nenhuma família é igual.

No trabalho que realizei foi fundamental escutar as ideias e opiniões das famílias do grupo de crianças, assim sendo tal como fizera no início do meu trabalho com as famílias, a conclusão do mesmo só seria alcançada após escutar mais uma vez as mesmas.

Após a conclusão do Projeto, enviei novamente um questionário às famílias do grupo, que pode ser consultado no anexo 12- Questionário aos pais acerca da sua participação no projeto, de modo a realizar um balanço das atividades que realizaram.

O feedback das famílias foi bastante positivo, uma vez que existiu uma grande participação dos pais nas atividades enviadas para casa.

Fazendo uma análise dos questionários aplicados no final da intervenção pedagógica, salienta-se que a atividade mais apreciada pelas famílias foi a elaboração de um conto, uma vez que realização da atividade permitiu uma maior interação entre pais e filhos. A segunda atividade mais referida pelos pais foi a elaboração de marcadores de livros, sendo a que lhes permitiu dar “asas” à imaginação.

Teceram ainda comentários positivos acerca das atividades que propus para envolver os pais, visto que também eles se sentiram mais envolvidos através das atividades, bem como sentiram que tinham conhecimento de todo o trabalho desenvolvido na sala de atividades.

Com a conclusão do Projeto, senti que consegui ultrapassar muito bem a minha dificuldade e fui conquistando as famílias. Senti que planejei atividades adequadas a todas e a cada família, tendo em conta as suas sugestões de atividades. Planejei atividades que permitiram a participação dos pais e, especialmente das crianças.

Assim sendo, na primeira atividade que consistia na leitura e animação de uma história, na sala de atividades contei com a participação de quatro famílias. Na segunda atividade que consistia na partilha de livros na sala de atividades participaram seis famílias.

Na atividade de elaboração dos marcadores participaram quinze famílias e, na atividade da elaboração do conto aderiram treze famílias.

Deste modo, concluo que a adesão às atividades enviadas para casa foi bastante positiva, uma vez que os pais colaboraram, sendo bastante receptivos à atividade. Foram estas atividades que apresentaram uma resposta mais positiva e com mais famílias participantes.

Posso concluir que consegui estabelecer uma boa relação de partilha de informação e de contacto com as famílias das crianças. Ao longo da minha intervenção as famílias abordavam-me para comunicarem que estavam a realizar a atividade, não estando esquecidos da mesma, pedindo-me sugestões para a realização da atividade e questionando-me se poderiam fazer de uma certa maneira, acrescentando mais elementos à atividade. Os comentários revelam que os pais são participativos e interessados, estando entusiasmados com as atividades que lhes propus.

Ao deparar-me com a impossibilidade das famílias não poderem deslocar-se à Instituição, contornei esse obstáculo com as atividades que enviei para casa, permitindo a participação e o envolvimento de todas as famílias.

Observei que as famílias do grupo de crianças são participativas mas que devido à instabilidade económica que o país atravessa têm cada vez menos a flexibilidade para se deslocarem à escola dos seus filhos, de modo a participarem nas atividades propostas, realizando uma seleção das atividades mais importantes a participar, tais como o Dia da Mãe ou o Dia do Pai.

A “Voz” das Crianças

No início do trabalho com as famílias, considerei essencial escutar o que as crianças me tinham para dizer em relação aos trabalhos que desenvolvem com os pais.

Através de conversas informais, as crianças referiram que gostavam muito de trabalhar com os pais, pois era divertido e algo que não faziam frequentemente, além disso trabalhar com os pais significava para as crianças trabalhar em conjunto.

A partir deste momento, senti que poderia avançar com o meu trabalho com as famílias, pois um dos valores que pretendia transmitir ao grupo era a cooperação e a entreatajuda.

Eis alguns comentários que recolhi do grupo de crianças acerca do trabalho realizado com as famílias:

«*“Sim. Porque é divertido.” (G.C., 4 anos)*»; «*“Sim. Porque gosto muito da minha mãe e a minha mãe gosta muito de trabalhar.” (J.P., 6 anos)*» e «*“Sim. Porque fazem muitos trabalhos comigo.” (E.M., 5 anos)*».

Com a conclusão do Projeto dialoguei com as crianças acerca das atividades que mais gostaram de realizar com os pais e o porquê.

Na opinião das crianças, as atividades que mais gostaram de realizar com os pais foi elaboração do conto e a elaboração dos marcadores. A leitura de histórias pelos pais não foi muito referida, sendo apenas referida pelas crianças cujos pais participaram na atividade.

Todas as crianças gostaram de realizar atividades em conjunto com os pais e as justificações que me deram foram bastante diversas, eis alguns comentários que reuni:

«*“Gostei de trabalhar com o pai e com a mãe porque fizemos um trabalho em equipa.” (CF, 6 anos)*»; «*“Gostei de fazer o marcador com a mana, pois assim passei muito tempo com ela.” (JC, 6 anos)*»; «*“Gostei de fazer o marcador de livro com a mãe, pois assim passei muito tempo com a mãe.” (MR, 6 anos)*»; «*“ Adorei fazer trabalhos com o pai e com a mãe porque nunca faço muitos trabalhos com eles e assim fiz. É bom trabalhar com eles.” (TG, 5 anos)*»; «*“Gostei de fazer o livro com a mãe apenas porque gostei, porque gosto de estar com a mãe.” (JP, 6 anos)*»; «*“Gostei de fazer o marcador com a mãe porque somos uma família que faz coisas juntas. E gostei de trabalhar com a mãe.” (EM, 5 anos)*».

Através dos testemunhos das crianças pude concluir que a participação das famílias é importante, pois as crianças sentem que estão a ser acompanhadas e que o trabalho realizado quando é valorizado pelos pais tem um efeito motivador, incentivando as crianças a participarem mais nas atividades.

Após auscultar as famílias e as crianças sobre a intervenção educacional realizada pude concluir que a intervenção que desenvolvi fomentou a participação das famílias, tendo um impacto positivo no quotidiano das crianças.

III - Considerações Finais

Este último capítulo refere-se ao impacto da minha intervenção, a nível geral e particular na construção da minha identidade profissional. Farei uma análise reflexiva acerca de todo este processo de formação profissional.

No início da minha formação profissional não tinha consciência da importância que a reflexão tem no processo de formação de um profissional da educação, sendo essencial manter sempre uma atitude crítica e reflexiva acerca da minha ação. Esta atitude reflexiva permitiu-me ir construindo, ao longo do tempo, a minha identidade profissional e, segundo Alarcão (2001) “essa reflexão é importante sobretudo para nós, os educadores, já que temos uma responsabilidade acrescida na compreensão do presente e na preparação do futuro.” (p.10)

Mas não é apenas a reflexão que contribui para a formação de um educador, tive de ter consciência que as experiências que tive ao longo dos vários anos da minha vida enquanto aluna fazem de mim uma educadora, pois “tenho que ter consciência do meu caminho como pessoa e educadora, das minhas experiências (...) que me conduziram a um progressivo conhecimento de mim própria.” (Vasconcelos,1987,p.16).

Durante este processo de formação pessoal foi essencial refletir acerca da minha intervenção diariamente, pois apenas desse modo é que posso detetar os meus pontos fortes e pontos fracos, adequando a minha ação às necessidades do grupo de crianças.

Durante a prática profissional supervisionada realizei uma autoavaliação da minha intervenção pedagógica, o que me permitiu identificar as minhas dificuldades e procurar soluções para as ultrapassar.

Algo que tive sempre em consideração foram os interesses e necessidades das crianças, pois estas devem desempenhar um papel ativo na sua própria aprendizagem, desse modo ao longo das atividades desenvolvidas existiu sempre um diálogo inicial para eu ter consciência dos conhecimentos prévios do grupo.

Assim sendo, ao longo da minha intervenção tive sempre em conta as opiniões do grupo, uma vez que “(...) a criança desempenha um papel ativo na construção do seu desenvolvimento e aprendizagem (...).” (ME, 1997, p.19).

É importante ter presente que todas as crianças têm o direito à educação, sendo que “ o respeito pela diferença inclui as crianças que se afastam dos padrões “normais”, devendo a educação pré-escolar dar resposta a todas e cada uma das crianças.” (ME, 1997, p. 19), enquanto estagiária tive o privilégio de trabalhar com crianças com necessidades educativas especiais e pude compreender as dificuldades com que os educadores se deparam ao quererem integrar as crianças na rotina sem os mínimos apoios e com a falta dos mesmos é quase impossível conferir uma resposta adequada às necessidades das crianças.

Ao longo da minha prática profissional supervisionada destaco vários aspetos positivos, um deles foram as relações estabelecidas com as crianças, as equipas educativas e as famílias das crianças que me acompanharam e apoiaram.

Tive o privilégio de trabalhar uma questão no âmbito da problemática que me permitiu estabelecer o contacto com as famílias das crianças, compreendendo a importância do papel da família para o desenvolvimento da criança.

Em ambos os contextos pude estabelecer uma relação próxima com as famílias das crianças, mas foi no contexto de JI que tive o privilégio de contactar mais com as famílias, no sentido em que permaneci no contexto durante mais tempo.

Outro aspeto muito positivo desta experiência foi o contactar com dois grupos de crianças envolvidas e participativas, tendo o privilégio de aprender com ambos os grupos e que irão ficar para sempre presentes na minha memória e no meu coração. As relações com as crianças estabelecem-se em pouco tempo, mas ficam para sempre. As crianças ganharam o meu coração no momento em que entrei nas salas e senti que com o passar dos dias fui entrando na vida de cada uma delas também. A minha relação com os grupos de crianças foi baseada no respeito, no carinho e na cooperação.

As equipas educativas foram também fundamentais para a minha formação profissional, sobretudo na troca de informações e na partilha de ideias. Foram as minhas guias neste caminho, que me orientaram da melhor forma. Cada crítica ou opinião foi aceite por mim, compreendendo que eram críticas construtivas, que me auxiliavam durante a construção da minha identidade profissional e contribuíam para melhorar a minha prática.

As relações que estabeleci com as Educadoras Cooperantes basearam-se na partilha, segurança, confiança, o que ajudou muito no desenvolvimento da minha identidade profissional. Esta experiência foi fundamental para o meu desenvolvimento enquanto pessoa e enquanto futura educadora.

Todas as pessoas com que tive a oportunidade de contactar durante este processo de formação profissional e os obstáculos que tive de ultrapassar fizeram de mim uma pessoa mais consciente das suas potencialidades, conhecendo melhor aquilo que sou capaz de fazer.

Durante a minha prática profissional supervisionada tive de ultrapassar alguns obstáculos, sendo o primeiro vivenciado no contexto de Creche.

Lembro-me com um sorriso no rosto, o primeiro obstáculo com que me deparei no contexto de Creche quando tive de mudar a fralda a uma criança. Tinha algumas noções de como o fazer mas nunca o tinha feito. Contei com o apoio da Educadora Cooperante que me auxiliou a ultrapassar este primeiro obstáculo e depois eu já o realizava autonomamente.

Mas as dificuldades na valência de Creche não ficaram por aqui, pois não tinha experiência em planificar atividades para crianças em idades tão jovens e pensei constantemente se as minhas intenções eram adequadas, se as atividades eram adequadas e se as crianças iriam aceitar bem a minha presença na sua rotina. E é nesse momento que compreendo que toda a formação que tive ao longo da Licenciatura e, especialmente no Mestrado me ajuda a ultrapassar esses receios e que com essa formação consegui construir bases para a minha ação.

Com o passar dos dias na valência de Creche e com toda a partilha de informação os receios foram diminuindo e fui ganhando mais confiança e autonomia na minha intervenção.

Considero que a minha intervenção pedagógica foi bem-sucedida e as minhas intenções foram alcançadas com sucesso pela maioria das crianças que através das experiências sensoriomotoras foram descobrindo novas texturas e novos materiais, promovendo o desenvolvimento da motricidade fina. Através da leitura de histórias, das canções e das brincadeiras nas áreas da sala, as crianças foram desenvolvendo a capacidade de expressão e a comunicação verbal.

No que diz respeito ao Jardim de Infância, o facto de o grupo ser bastante sociável e dinâmico possibilitou a minha interação desde o primeiro dia de intervenção.

É um grupo bastante curioso e estava bastante motivado para o desenvolvimento do Projeto e pude observar essa característica quando todos os dias da minha intervenção as crianças traziam livros novos para puderem partilhar com as restantes crianças do grupo. Ao longo do Projeto, as crianças foram colocando questões, tendo eu o papel de as apoiar e incentivar a procurar novas informações acerca do que pretendiam descobrir.

As crianças estiveram sempre interessadas e motivadas no Projeto, e todas as atividades que propus foram baseadas nas opiniões das crianças de atividades que gostariam de desenvolver.

Uma das dificuldades com que me deparei na valência de JI foi, por vezes uma falta de motivação das crianças e tive de encontrar estratégias para motivar as crianças para as atividades, sendo muito importante as crianças proporem atividades para que pudessem estar motivadas para realizar as atividades que elas mesmas propuseram.

Outra dificuldade que senti foi a nível de organização do tempo para poder construir juntamente com a criança o seu portefólio individual. A construção do portefólio é algo que leva o seu tempo e em momentos em que senti que as atividades do Projeto eram mais simples, dedicava-me à construção do Portefólio com a criança.

O portefólio da criança tem inúmeras vantagens e termos a oportunidade de o elaborar com a criança contribui para cimentar a nossa relação com a criança. Sinto que a elaboração do Portefólio me aproximou mais da criança e ajudou a aprofundar a nossa relação. Através do Portefólio pude incentivar a criança a refletir acerca das suas produções, analisando-as e pude verificar as competências adquiridas pela mesma, uma vez que o portefólio torna “(...) possível à criança envolver-se no processo de aprendizagem e avaliação através do processo de seleção, análise e apreciação dos trabalhos(...)” (Parente, 2012, p.307).

Relativamente à Problemática que identifiquei quer na valência de Creche, quer na valência de Jardim de Infância, sendo mais trabalhada na última valência, possibilitou-me compreender a importância que ambos os contextos, a família e a escola, têm na vida e no desenvolvimento das crianças.

Através da minha aproximação às famílias das crianças pude ouvir escutar a opinião das mesmas que pretendem estar muito envolvidas no processo educativo das suas crianças mas que devido ao contexto económico que se vive atualmente, torna-se difícil ter uma participação ativa tanto quanto gostariam.

Ao longo da minha intervenção junto às famílias, pude observar que eram famílias bastante interessadas e atentas ao processo de aprendizagem das crianças, possibilitando e apoiando-me a diversificar o tipo de experiências com que as crianças contactavam, sendo possível realizar visitas de estudo, enriquecendo o Projeto.

Em suma, concluo que a minha intervenção foi baseada em valores de cooperação, partilha, entajuda e aprendizagem mútua. E são estes os valores que pretendo privilegiar ao longo da minha vida profissional, bem como escutar as crianças e aprender com elas, pois “ (...) o facto de ensinarmos os nossos semelhantes e de aprendermos com os nossos semelhantes é mais importante para o estabelecimento da nossa humanidade do que qualquer dos conhecimentos concretos que assim se perpetuam (...)” (Savater,2006,p.38).

Referências Bibliográficas

Abreu, A. (2012). *A importância da Cooperação entre a Escola e a Família- Um estudo de Caso*. Instituto Politécnico de Castelo Branco.

Alarcão, I. (2001). *Escola Reflexiva e Nova Racionalidade*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Brazelton, T. (1995). *O grande livro da criança: o desenvolvimento emocional e do comportamento durante os primeiros anos*. Lisboa: Editorial Presença.

Cardona, M. & Guimarães, C. (2012). *Avaliação na Educação de Infância*. Viseu: Psicosoma.

Dewey, J. (1994). *A necessidade de uma filosofia da educação*. Cadernos de educação de infância, 30, pp. 4-8.

Ferreira, M. (2010). “- Tá na hora d’ir pr’á escola!”; “- Eu não sei fazer esta, senhor Professor!” ou ... *Brincar às Escolas na Escola (JI) Como um modo das crianças darem sentido e negociarem as relações entre a família e a escola*”. Porto: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.

Hohmann, M. & Weikart, D. (2011). *Educar a Criança*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Katz, L., & Chard, S. (2009). *A abordagem por Projectos na Educação de Infância*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Lino, D. (2013). O Modelo Pedagógico de Reggio Emilia. pp. 110-138. In J. Oliveira-Formosinho *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora.

Martins, I. et al. (2009). *Despertar para a Ciência. Atividades dos 3 aos 6*. Ministério da Educação: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Matta, I. (2001). *Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Máximo-Esteves, L. (2008). *Visão Panorâmica da Investigação-Ação*. Porto: Porto Editora.

Ministério da Educação (1997). *Orientações Curriculares para a Educação Pré-Escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Monteiro, A. (2005). *História da Educação. Uma perspectiva*. Portugal: Porto Editora.

Niza, S. (2013). O Modelo Curricular de Educação Pré-Escolar da Escola Moderna Portuguesa. pp. 142-160 In J. Oliveira-Formosinho *Modelos Curriculares para a Educação de Infância. Construindo uma práxis de participação*. Porto: Porto Editora.

Perrenoud, P. (2001). *Entre a família e a escola, a criança mensageira e mensagem. Entre pais e professores, um diálogo impossível?* Oeiras : Celta Editora, pp. 29-56.

Post, J. & Hohmann, M. (2011). *Educação de Bebés em Infantários. Cuidados e Primeiras Aprendizagens*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Reboul, O. (2000). *Filosofia da Educação*. Lisboa: Edições 70, pp. 9-23.

Sarmiento, T. (2005). *(RE) Pensar a interação Escola-Família*. Portugal: Universidade do Minho, pp. 53- 75.

Sarmiento, T. & Figueiredo, B. (2009). *(RE) Pensar a participação dos pais na escola*. Universidade do Minho.

Sarmiento, T. & Sousa, M. (2010). *Escola- Família- Comunidade: Uma relação para o sucesso educativo*. *Gestão e Desenvolvimento*, pp. 141 – 156.

Savater, F. (2006). *O valor de educar*. Lisboa: D. Quixote.

Shön, D. (2007). *Educando o Profissional Reflexivo: Um novo design para o Ensino e a Aprendizagem*. Porto Alegre: Artmed Editora.

Silva, P. (2006). *Escolas, Famílias e Lares, um caleidoscópio de olhares*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Leiria, pp. 1-8.

Silva, P. (2010). *Análise sociológica da relação escola-família: um roteiro pelo caso português*. *Revista do Departamento de Sociologia da FLUP*, vol. XX, pp. 443-464.

Sim-Sim, I., Silva, A. & Nunes, C. (2008). *Linguagem e Comunicação no Jardim-de-Infância. Textos de apoio para Educadores de Infância*. Ministério da Educação: Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Spodek, B. & Saracho, O. (2008). *Fathers: the “invisible” parents*. *Early Child Development and Care*, vol. 178, pp. 821–836.

Turkel, S. & Newman, C. (1988). *Qual é o teu número? Desenvolvendo o sentido do número*. *Arithmetic Teacher*.

Vasconcelos, T. (1987). *«Dar corda ao relógio» ou uma filosofia de educação*. *Cadernos de Educação de Infância*, nº3, pp.16-18.

Vasconcelos, T. (1997). *Ao Redor da Mesa Grande. A prática educativa de Ana*. Portugal: Porto Editora.

Vasconcelos, T. (coord.) et al. (2012). *Trabalhos por Projetos na Educação de Infância: Mapear aprendizagens. Integrar Metodologias*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência: Direção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular.

Legislação Consultada

Decreto-Lei nº 51/2012, de 5 de setembro. Diário da República nº172-I Série. Ministério da Educação e Ciência. Lisboa.

Lista de documentos oficiais das Instituições

Projeto Pedagógico da sala de Creche. (2013/2014).

Projeto Educativo da Instituição de JI (2012/2015).

Projeto Pedagógico da sala de JI. (2013/2014).

Sítio na Internet

A Convenção sobre os Direitos da Criança (2004). Unicef. Acedido Junho 19, 2014, em https://www.unicef.pt/docs/pdf_publicacoes/convencao_direitos_crianca2004.pdf.

Anexos¹

¹ Os anexos encontram-se em formato digital em cd anexo, bem como os portefólios da Prática Profissional Supervisionada em Creche e em Jardim de Infância e o portefólio de uma criança do Jardim de Infância.